

IDENTIDADE DO PSICANALISTA: UMA CONTRIBUIÇÃO*

Roaldo Naumann Machado** Porto Alegre

O autor, através de trabalhos de Freud e outros autores, procura significar o conceito de identidade do psicanalista, tanto em nível pessoal como sua interação grupal (institutos, sociedades nacionais e internacionais). Citando dois autores locais (R. Romanovski e G. Vollmer Filho), constata, em nosso grupo, as mesmas vicissitudes identificatórias descritas na literatura: é o narcisismo patológico, individual ou expressado no grupo, tanto no par analítico quanto no grupo analítico, o principal obstáculo à identidade do sujeito - analista.

"Por que a Gilgamech impuseste tal sina?
Por que deste a meu filho um coração inquieto?
Nunca ele há de saber o que é repouso e paz?"
(Thomas Mann - José e seus irmãos)

Tal tema proposto, isto é, a identidade do psicanalista observada através de sua organização intrapsíquica, de sua situação como indivíduo e cidadão, de sua relação com a Sociedade e Instituto de Psicanálise ao qual se encontra filiado e na diversidade do seu contexto cultural e social, nos suscita inquietações, angústias e ambigüidades internas a tal ponto que, de dentro de nós mesmos, preferiríamos que tal encontro talvez já se encontrasse no passado, em abril de 1991 a não num vindouro abril de 1992(1).

Como descrever nossas impressões sobre tão complexos assuntos que expõem assim, tão de repente, aspectos tão íntimos de nós mesmos? Teremos que buscar modelos, referências bibliográficas, impressões de colegas. Faremos causa com todos aqueles que dirão que a "Psicanálise não é uma Weltanschauung idealista" (Freud, 1933a). Uma permanente questão é se as palavras usadas para descrever tal posição são suficientemente sólidas ou resvaladiças e inconseqüentes, unicamente forjadas para uma jornada, um encontro no qual teremos como obrigação colocarmo-nos ao lado de todos aqueles que advogam a causa da psicanálise como uma disciplina dinâmica, complexa e em transformação (Etchegoyen, 1991).

Assim mesmo, necessitamos de referências e faremos uso das mesmas não sem aquela pergunta íntima dirigida para nós mesmos: somos assim tão progressistas?

Temendo ser repetitivo ao descrever o que muitos, de várias outras maneiras, já expuseram quando se fala em identidade do psicanalista, a primeira imagem que nos surge é de Sigmund Freud. O nosso ser profissional está inegavelmente imbricado com a sua pessoa como homem, cidadão de uma determinada época, como pesquisador e homem de ciência. O superego cultural das diversas instituições psicanalíticas encontra em Freud aquele homem de esmagadora força de espírito ou homem, em quem um dos impulsos humanos encontrou sua expressão mais forte e mais pura (Freud, 1930a). E não poderia deixar de ser assim em nossa sociedade.

No Ego e no Id, Freud tece considerações metapsicológicas sobre a identificação. Diz-nos que a mesma é formada através dos restos dos objetos perdidos. Mais adiante acrescenta que o dilema do menino se encontra entre "ser" o pai ou "ser como o pai". A ferida narcísica de caráter traumático que implica na perda do vínculo do ser, isto é, a identificação primária e o estabelecimento de identificação secundária, "ser como o pai", após tê-lo perdido como objeto (Cf. Maldavsky, 1982), embora seja uma aproximação de um ponto de vista teórico discutível por um bom número de psicanalistas (Etchegoyen, 1985) é um ângulo de observação sobre o qual inferimos o desenvolvimento razoável da identidade do psicanalista.

Segundo Maldavsky, as duas inscrições psíquicas que Freud caracteriza como inconscientes são os restos mnêmicos e a representação - coisa. Tais inscrições caracterizam distintos vínculos do Eu com o Outro. A primeira implica numa inscrição lógica por simultaneidade e é característica das relações narcisistas do objeto. A segunda, na qual a inscrição psíquica se processa através da analogia e da causalidade, estabelece o inconsciente propriamente dito. Todos esses postulados encontramos em várias obras de Freud, das quais citamos o capítulo VII de A Interpretação dos Sonhos, Dostoiévski e o Parricídio e o Projeto de Psicologia de 1895 (Cf. Maldavsky, 1982). Tais considerações nos dão um prisma para observarmos a forma com a qual nos aproximamos da realidade e dizem respeito aos lugares do outro dentro do próprio sujeito (Freud, 1921c).

Dois trabalhos surgidos de psicanalistas do nosso meio (Germano Vollmer Filho, 1989; Romualdo Romanovsky, 1991) confluem para um ponto comum no qual ambos apontam, em consonância com outros inúmeros autores, que o problema central na preservação e na formação de uma identidade de psicanalista é o narcisismo patológico.

O primeiro autor citado, orientando-se principalmente pela escola inglesa, pergunta-se a que parte o candidato deve se manter leal ao seu analista. Responde, a isto é, do seu ponto de vista, fundamental, que a lealdade do candidato é com aquele aspecto do analista que estabelece um marco bastante nítido entre o conflito permanente que nos invade a todos entre realidade e verdade X ilusão e irrealidade. A contratransferência seria assim, ao ser adequadamente elaborada (Cf. Pick, 1985), um aspecto fundamental na resolução deste conflito de lealdade. Citando Freud (Recomendações aos Médicos que Praticam a Psicanálise e Análise Terminável e Interminável), refere que a "superioridade" que o analista deve ter para funcionar como modelo a ser instituído dentro do sujeito - candidato é o amor à verdade. Freud proscreve qualquer espécie de hipocrisia e falsidade.

De uma forma semelhante, Romanovski nos aponta para as modificações e evoluções que se verificam no analista durante o processo analítico e a tolerância pelo rompimento de elementos narcísicos do mesmo com o conseqüente sepultamento de várias convicções ou anseios seus. Cita Karl Popper e seu racionalismo crítico, segundo o qual a verdade, o universo, existem. Apenas não podemos satisfazer a ambição de atingir a verdade do mesmo. Por mais apurada que seja nossa teoria é necessário que tenhamos em mente tal fato, pois do contrário estaremos estabelecendo uma relação narcisista de objeto no qual este último se submete à nossa vontade. Nossa teoria deixaria de ser uma forma de observação a sim uma projeção.

A necessidade permanente do erro é assinalada por Freud (1927e, 1933a), na qual a aproximação da verdade científica sofre constantes remodelações. O luto pela perda da nossa onipotência e da nossa teoria faz parte deste crescer na incerteza a

relatividade, na qual, segundo Popper (Cf. Romanovski), devemos sobreviver às nossas próprias hipóteses. A evolução estaria exatamente nesta crítica a mudança imperiosa. Não alterar é sinônimo de perecer. Todas estas considerações, segundo o autor citado, estariam de acordo com Joseph e Bion. A incapacidade de questionamento permanente evidenciaria uma identificação narcisista com a teoria onipotente e idealizada, de conseqüências auto e heterodestrutivas.

é, portanto, de consenso geral que um dos pilares da identidade do psicanalista é a capacidade do mesmo de viver na inquietude da incerteza, lealmente vinculado ao seu modelo original, e com isto não quero só me referir ao modelo do seu analista, no qual a realidade é permanentemente objeto de nossa observação inquisitiva.

Raquel Zak de Goldstein (1990), numa comunicação recente, afirma que nem neste atual momento, nem num futuro, pode haver "ortodoxia" psicanalítica que se possa apresentar como "o pensamento psicanalítico". Pergunta-se, porém, que teorias e que práticas podemos aceitar como realmente psicanalíticas. De acordo com o proposto por Robert Wallerstein sobre o liberalismo científico internacional, a autora nos chama a atenção para o perigo da desidealização e desilusão patológicas e das criações transgressoras. Aceitando o risco, preferindo a incerteza ao pensamento monolítico, conclui que a formação analítica não pode ser nada mais que o resultado da evolução do "sujeito" (candidato), evolução que compreende o insight que o candidato pode adquirir de sua própria análise, e "compreensão" de sua situação como psicanalista com seus analisandos (por exemplo, em suas supervisões), e uma "evolução" científico - ideológica no convívio com os mestres da psicanálise: "Freud em muito primeiro lugar".

Assim, a resolução de vários conflitos pré-edípicos e edípicos permitiria a correção das idealizações e desvalorizações e a determinação da internalização do processo analítico de uma forma estável (Cf. Vollmer Filho, 1989). Inúmeros autores (Vollmer Filho, 1986; Romanovski, Zak de Goldstein, Bruzzone, Finell) são de opinião, usando diferentes maneiras, que o narcisismo do analista que emprega formas arcaicas de defesa (negação, cisão, identificação projetiva) se constitui no fato mais grave de impedimento para o progresso do sujeito (candidato) no que se refere ao seu posicionamento diante do objeto-ciência que deverá ser investigado do ponto de vista do "princípio da realidade".

Reflexões muito interessantes e dignas de um estudo mais aprofundado nos apresentam Guttman (1985) e Steiner (1985). Ambos se referem aos trabalhos de Kuhn sobre as revoluções científicas e a evolução normal de uma ciência. Uma revolução científica estabelece esse novo princípio organizador, um novo paradigma que exerce aquilo que Kuhn denomina de "dogmatismo de uma ciência madura". Deste corpo depende toda a identidade de uma comunidade investigadora, por exemplo, a comunidade psicanalítica. À ciência normal caberia a solução de enigmas a reinterpretar com correções do paradigma. Poderíamos pensar que é sob este ângulo que trabalham as diversas escolas psicanalíticas. Embora não especificando o assunto sob o prisma do narcisismo, Guttman refere-se ao mesmo quando emitimos juízos sobre o intelecto ou caráter do opositor, atribuindo-nos um perfil superior e violando as regras básicas da discussão. Assim, caracterizar um adversário como radical ou reacionário equivale a lançar impropérios e recorrer a prejuízos sem transmitir qualquer outro significado. Tais caracterizações, assim como as classificações ou diagnósticos psicológicos ou psiquiátricos, deveriam considerar-se inadmissíveis em qualquer discussão. E quando refletimos que muitas de tais situações se estruturam no seio da relação analítica, pervertendo o processo a estabelecendo um conluio analítico onde o mau é projetado (Cf. Vollmer Filho, Romanovski, Finell), pensamos que ao analista didata cabe uma experiência e uma renúncia narcisista pessoal extremamente elaborada e cuidadosa. Caso contrário encon-trar-nos-íamos diante de uma verdadeira sedução infantil, na qual ambos projetariam tudo aquilo que não pertencesse ao "ego prazer purificado". O trabalho de Steiner (1985) sobre as polêmicas ocorridas na Sociedade Psicanalítica Britânica nos anos de 1943-44 é extremamente ilustrativo sobre o intrincado emaranhado de fatores: pessoais, teóricos, tensões culturais, política interna a inevitável competição entre as duas escolas psicanalíticas, assim como o pano de fundo da tensão européia.

Brierley, citado por Steiner, na sua resposta ao pedido da Comissão de Ensino da Sociedade Britânica na época das Polêmicas, sobre as discrepâncias teóricas e suas influências na formação de candidatos, comenta o perigo sobre a "idealização" que poderia ocorrer no grupo kleiniano e conclui: enquanto o analista formado agir se sendo a réplica de quem o formou, o resultado tanto na teoria como na prática não poderia superar uma repetição estéril. Strachey era da mesma opinião e poderíamos estender tal afirmação a todo grupo psicanalítico, a todo par analítico que não observa que a lealdade do analista deve ser originalmente com o exame verdadeiro do seu candidato - paciente (Vollmer Filho, 1989).

Falamos que a psicanálise é uma disciplina dinâmica, complexa e em transformação (Etchegoyen, 1991). Nunca é demais, e ajusta-se perfeitamente à hipótese de Kuhn sobre revolução científica a ciência normal, lembrarmos que nossa ciência possui um paradigma bem determinado. O perigo talvez recaia no nosso ajuizamento, onde sempre devemos ter em mente o novo comparado com o velho, o novo dentro do velho e não o novo no lugar do velho. O excesso de originalidade é tão nefasto como a ausência da mesma. Freud (1933a) nos fala dos nihilistas intelectuais segundo os quais não existe nenhuma verdade, nenhum conhecimento certo sobre o mundo exterior. Esta é uma nova weltanschauung idealista e, creio, assentada também sobre a intolerância narcisista. Freud, na 35ª Conferência Introdutória (1933a), afirma que pelo menos nas ciências mais antigas e maduras existe um cimento sólido que é apenas modificado e complementado, porém não retirado.

Assim mesmo, no transcurso da história da civilização - e podemos por analogia falar no da história da psicanálise, e o trabalho de Steiner sobre as Polêmicas é um bom testemunho - originam-se crises mais agudas que podem vir a ser catastróficas, independente dessa permanente transformação de uma ciência normal. Freud reporta-se ao Mal - estar na Cultura e podemos, novamente, reportar-nos, por analogia, ao mal - estar na psicanálise. Uma de suas origens já foi sugerida, os aspectos narcisistas dentro de nós, analistas, que não toleram as mudanças ou almejam originalidades excessivas. Seria muito interessante o estudo de grupos que tomam uma verdade e a promovem a ilusões. A ciência exclui do saber tudo que é ilusão, resultante das demandas afetivas (Freud, 1933a). A renúncia ao pulsional é necessária e indispensável para o desenvolvimento cultural (Freud, 1932a).

A comunidade, herdeira do poder, estabelece suas regras, suas leis que asseguram aos seus membros uma convivência confiável. Mas tal direito pode converter-se na expressão de direitos desiguais. Podemos, em parte, atribuir estes aspectos à desigualdade não eliminável entre os seres humanos (Freud, 1933b) e, em parte, tais desigualdades originam o que Freud denomina de mal - estar nos grupos sociais.

Como a identidade do analista se inscreve durante o seu transcurso institucional, pensamos que o mal - estar institucional influi direta ou indiretamente na sua formação. Pergunta-se Freud, qual a origem do "Mal - estar na Cultura". Responde-nos da seguinte maneira: Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre a pulsão de vida e a pulsão de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da

espécie humana pela vida (Freud, 1930a).

Assim, Eros e Tanatos debatem-se, para Freud, nos mais diferentes níveis e planos. Estão dentro do indivíduo, estratificam-se e se fazem representar no seu psiquismo que se entrelaça permanentemente na relação grupal e na preservação da espécie. Outro conceito pode aqui ser acrescentado: o de masoquismo erógeno (Freud, 1924c). Trata-se de uma forma original de masoquismo a auto - erotismo, onde o masoquismo se confunde com o sadismo primário, onde prevalece a erogeneidade auto - erótica de uma forma quase absoluta. Freud nos fala da necessidade de projeção de tais pulsões originais de dentro do nosso organismo para a extremidade deste, com a devida abertura das zonas erógenas, a instituição da percepção do mundo externo, do aparelho psíquico, da memória e da relação objetal (1905d). Este masoquismo erógeno acompanha a libido por todas as suas formas de desenvolvimento e delas deriva seus revestimentos psíquicos cambiantes (Freud, 1924c). Assim, todas as lógicas estratificatórias do nosso desenvolvimento individual, grupal e da espécie são permanentes expressões de fusões pulsionais, ora mais simples, ora mais complexas.

O conceito de trauma, no qual um excesso de pulsão ou excitação não encontra satisfação ou é impossibilitado de tramitar psiquicamente (Freud, 1926d), pode aqui ser lembrado e comparado à concepção em termos de uma crise dentro de um grupo. Desiludirmo-nos do grupo sem a desvalorização do mesmo é tarefa direta da construção da identidade do analista. Nestes momentos traumáticos o ego torna-se, por várias razões, incapaz do processamento energético pulsional. Tais excessos obrigam o aparelho psíquico a regressões ou, se contidos, a novas formas perceptivas com a conseqüente recriação. O conceito de posição depressiva de Klein enquadra-se neste processo. Freud nos descreve grupos de organização superior e inferior e como, principalmente nos últimos, a submissão à emoção tornou-se extraordinariamente intensificada, enquanto sua capacidade intelectual é acentuadamente reduzida (Freud, 1921c). Nos momentos traumáticos os grupos podem optar por formas mais regressivas de organização (Freud, 1930a), organizando-se em torno do amor e projetando em outras pessoas as manifestações agressivas. O nome dado por Freud a esse fenômeno é o de narcisismo das pequenas diferenças (1921c, 1930a), e para o nosso assunto, isto é, o da identidade do psicanalista e sua relação com o grupo, tal conceito é de primordial importância. A lógica é a narcisista e equipara-se à usada pelo ego prazer purificado em detrimento do ego real definitivo. Nosso julgamento do que é bom ou mau, útil ou prejudicial (Freud, 1925h), sofre uma desorganização e passamos a uma lógica inferior narcisista na qual projetamos o mau. Dentro do par analítico a transferência e a contratransferência negativas são assim excluídas. O grupo estrutura-se com uma ilusão de verdade. Assim se abriam os caminhos que levam ao reino da psicose, individual ou das massas (Freud, 1933a).

Qual a diferença entre os funcionamentos normal, neurótico e psicótico? Chamamos um comportamento de "normal" ou "sadio" se ele combina certas características de ambas as reações - se repudia a realidade tão pouco quanto uma neurose, mas depois se esforça, como faz a psicose, por efetivar uma alteração dessa realidade. Naturalmente, esse comportamento conveniente e normal conduz à realidade do trabalho no mundo externo; ele não se detém, como na psicose, em efetivar mudanças internas. Ele não é mais "autoplástico", mas "aloplástico" (Freud, 1924e).

Em situações que caracterizamos por traumáticas - a superação da ferida narcisista pelo analista didata com a tolerância da transformação de suas convicções é um momento traumático - pode ocorrer tanto a regressão como a progressão, no indivíduo como no grupo. Quando Vollmer Filho (1989) alude à lealdade do sujeito - candidato ao analista, refere-se à superação desta ferida que, através da elaboração da realidade interna do par analítico, favorece o trabalho aloplástico no nosso objeto real, isto é, a psicanálise, sua teoria, sua prática e suas estruturas grupais. Outro fator, também descrito por Freud (1905d, 1915f, 1918b, 1926d, 1937c, 1940a), impeditivo da progressão é a adesividade da libido. São formas primitivas de obtenção de prazer e a incapacidade de renúncia a elas. Estreitamente unidas ao masoquismo erógeno, são contrapostas a outra qualidade da libido, sua plasticidade que se expressa através do ego e sua função sintética (1905d, 1923b, 1926d, 1940a, 1940e). Eros, assim, impulsiona a transformação de quantidade em qualidade, erogeneidade em sensorialidade, situações que implicam renúncias narcísicas e que impõem estratificações mais elaboradas ao grupo (Freud, 1921c). O fenômeno da falta de liberdade descrito por Freud (1921c) nos grupos instituídos através de um forte laço libidinal do líder a outros membros do grupo implica nesta estase libidinal, na qual a adesividade se contrapõe à plasticidade, o anaclítico ao diacrítico, a erogeneidade à sensorialidade.

A presença do superego dentro do indivíduo, e Freud traça a analogia com o grupo, tem também a função de enfraquecimento da agressão e preservação da civilização. E o produto da eterna luta entre as pulsões originais a estrutura a ética grupal necessária ao seu desenvolvimento (1930a). Assim como esses ideais grupais baseados nas primeiras realizações que foram tornadas possíveis por uma combinação entre os dotes internos da cultura e as circunstâncias externas (...) a que oferecem aos participantes da cultura satisfações de origem narcísica (Freud, 1927c), também tais ideais, quando representantes de pulsões degradadas, tornam-se, através de determinados indivíduos, opressores e impulsionam seus participantes à revolta (Freud, 1927c).

Em que ambigüidade vivemos! Por um lado a manutenção do nosso ideal ético psicanalítico cujo progresso exige degraus sucessivos em sua formação que nos trarão satisfações de natureza narcísica e repousam em ideais dos nossos mestres e implicam nas diversas heranças culturais dos mesmos, a partir do próprio Freud e, por outro, tornar o menor possível a injustiça que estimula a perturbação da vida comunal causada pela pulsão humana de agressão e autodestruição (Freud, 1930a). Assim, diversas identificações dentro do grupo podem se encontrar em conflito, como o descrito por Freud no Ego e no Id sobre as personalidades múltiplas. A analogia com o par analítico é evidente. Um superego regressivo originário da defusão pulsional (1923b, 1933a) assume uma severidade excessiva, impedindo a troca de experiências científicas entre as várias correntes de investigação psicanalítica, pois o ideal ético do grupo traria ao indivíduo uma ameaça de perda de amor. A identidade do psicanalista encontrar-se-ia necessariamente fracionada. Steiner, no referido trabalho, menciona que a palavra "emeth" em hebreu significa "verdade". Tirando-lhe a primeira vogal, seu significado muda para "está morto". A "verdade" imposta por este superego arcaico em troca de compensações regressivas a patologicamente narcísicas é sinônimo de esterilidade e incapacidade criativa.

Todos os fenômenos descritos de uma forma parcial e incompleta, e que mereceriam ser assunto de inúmeras jornadas e congressos, são repetitivos e fazem parte da natureza humana. Quando excessivos tornam as crises grupais catastróficas e a cultura declina. Freud nos sugere uma pista para a investigação em "Por Que a Guerra?". Mas o mesmo Freud nos descreve um superego mais benigno, menos severo, mais continente, para usarmos uma terminologia psicanalítica atual: Olhem! Aqui está o mundo, que parece tão perigoso! Não passa de um jogo de crianças, digno apenas de que sobre ele se faça uma piada (1927d).

Assim também a identidade do psicanalista, no que diz respeito a todos os aspectos enumerados como temas desta jornada, estrutura-se não com um ideal ético rígido e não continente, pois isso é religiosidade, mas dentro de uma tolerância dos fenômenos humanos individuais e grupais.

Summary

The author, through Freud's and other authors' works, tries to mean the concept of the psychoanalyst's identity, both at personal level and his group interaction (institutes, national and international societies). Mentioning two local authors (R. Romanovski and G. Vollmer Filho), he realizes, in our group, about the same identity difficulties described in the literature: it is the pathological narcissism, individual or expressed in the group, both in the analytical pair and in the societal group, the main obstacle to the subject - analyst identity.

Referências

- BRUZZONE, M. et al. Persecution y regression en la formation analítica: en torno a una experiencia. Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 173-G, 1985.
- ETCHEGOYEN, R. H. (1985). Las vicisitudes de la identificación. Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 219-33, 1985.
- _____ (1991). A psicanálise na última década: clínica a teoria. Rev. Brasil. Psicanal., 25, pp. 187-201, 1991.
- FREUD, S. (1900a). A interpretação dos sonhos. In Edição Standard Brasileira. V. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1905d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In Edição Standard Brasileira. V. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1915f). Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença. In Edição Standard Brasileira. V. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1918b). Da história de uma neurone infantil. In Edição Standard Brasileira. V. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1921c). Psicologia de grupo a análise do ego. In Edição Standard Brasileira. V. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (19231). O ego e o id. In Edição Standard Brasileira. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1924c). O problema econômico do masoquismo. In Edição Standard Brasileira. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1924e). A perda da realidade na neurose e na psicose. In Edição Standard Brasileira. V. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (19251). A negativa. In Edição Standard Brasileira. V. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1926d). Inibições, sintomas e ansiedade. In Edição Standard Brasileira. V. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1927c). O futuro de uma ilusão. In Edição Standard Brasileira. V. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1927d). O humor. In Edição Standard Brasileira. V. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1928h). Dostoiévski e o parricídio. In Edição Standard Brasileira. V. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1930a). O mal-estar na civilização. In Edição Standard Brasileira. V. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1932a). Sobre a conquista do fogo. In Edição Standard Brasileira. V. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1933a). Novas conferências introdutórias à psicanálise. In Edição Standard Brasileira. V. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (19331). Por que a guerra? In Edição Standard Brasileira. V. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1937c). Análise terminável e interminável. In Edição Standard Brasileira. V. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1940a). Esboço de psicanálise. In Edição Standard Brasileira. V. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1940e). Clivagem do ego no processo de defesa. In Edição Standard Brasileira. V. 23. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____ (1950a). Projeto de psicologia científica. In Edição Standard Brasileira. V. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FINELL, J. S. Los problemas narcisistas en los analistas. Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 177-90, 1985.
- GOLDSTEIN, R. L. ¿Cans, petrificación... o que? Quinta Conferencia de la Api de Analistas Didacticos. Buenos Aires: 1991.
- GUTTMAN, S. A. Conceptos fundamentales y teorías desviacionistas: un punto de vista psicoanalítico. Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 1-4, 1985.
- MALDAVSKY, D. El complejo de Edipo positivo: constitución y transformaciones. Buenos Aires: Amorrortu, 1982.
- MANN, T. José e seus irmãos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- PLEK, J. B. La reelaboración en la contratransferencia. Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 191-200, 1985.
- ROMANOVSKI, R. Mudanças do analista na tarefa clínica. Simpósio da Federação Psicanalítica da América Latina - FEPAL, 1991.
- STEINER, R. Reflexiones en torno a la tradición y al cambio a partir de un examen de las Polémicas de la Sociedad Psicoanalítica Británica (1943-44). Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 5-48, 1985.
- VOLLMER FILHO, E. (1986). Las vicisitudes de la identificación en la patología del carácter. Libro Anual de Psicoanálisis, pp. 183-90, 1986.
- _____ (1989). The conflicting loyalties of the training analyst: to the analysand as patient and to the field and its future. Trabalho apresentado no pré-congresso didático de Montreal, 1989.

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705
90020-160 - Porto Alegre - RS
Fone: 51 - 3228-9701

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Relatório apresentado na Jornada da Associação Brasileira de Psicanálise, abril de 1992, em São Paulo.

** Membro efetivo da SPPA.

1. A carta emitida pela Associação Brasileira de Psicanálise, datada de 17 de dezembro de 1991, marcava como data provável para a Jornada abril de 1991.